



REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Miguel Laranjeiro

"Não queremos um momento. Queremos um futuro"

ANDEBOL O presidente da Federação defende uma aposta sustentada na formação, reclama mais reconhecimento social para a modalidade e coloca o desenvolvimento do andebol feminino entre as prioridades.

TEXTO **CECÍLIA CARMO**

A seleção masculina portuguesa viveu nos últimos anos a melhor fase da sua história, adotando *A gente vai continuar*, de Jorge Palma, como uma espécie de hino da equipa. Miguel Laranjeiro atribui o salto competitivo a uma estratégia de lon-

go prazo, ao trabalho dos clubes e à qualidade dos atletas e treinadores. A dois anos do Europeu de 2028, que Portugal organizará com Espanha e Suíça, o presidente da Federação de Andebol de Portugal fala de um momento que quer transformar em mais praticantes, maior

igualdade no feminino e reconhecimento para uma modalidade que já se habituou a competir entre as melhores do mundo.

O andebol português está a viver um dos períodos mais fortes da sua história. Que balan-

ço faz deste crescimento, desportivo e institucional?

Só posso fazer um balanço positivo. O crescimento é visível através das seleções nacionais, seniores e jovens, mas também no andebol de praia e no andebol em cadeira de rodas. Há igualmente um crescimento sustentado no número de atletas e de clubes.

Os clubes são a base de tudo. Há um trabalho extraordinário de formação por esse país fora, muitas vezes desenvolvido por estruturas que têm enormes dificuldades de gestão e até de sobrevivência, mas que criam oportunidades para crianças e jovens. Nunca me esqueço desse trabalho, porque é ali que tudo começa.

Os resultados mudaram a forma como o país olha para a modalidade?

Gostava que mudassem ainda mais, para ser sincero. Portugal compete, sobretudo na Europa, com países maiores, com mais população e uma cultura desportiva muito consolidada, como Alemanha, França, Espanha ou os países nórdicos. Há ainda realidades com forte apoio estatal, nomeadamente em vários países do Leste europeu.

No meio dessa realidade, conseguirmos estar de forma consistente no top 5, no top 4 ou acima disso nas seleções jovens é abso-

lutamente extraordinário. Ser quarto classificado no Mundial de 2025, quinto no Europeu e ter participado nos Jogos Olímpicos mostra que estamos a fazer algo muito relevante.

Quando diz que gostaria de maior reconhecimento, está a falar da tutela do desporto?

Não. Não estou a falar especificamente da tutela. Temos tido atenção institucional, visitas e presenças de responsáveis públicos, atuais e anteriores. A questão é mais ampla: tem a ver com a sociedade, com as empresas e com a cultura desportiva do país. O que falta é um reconhecimento que se traduza em melhores condições para viver e fazer crescer o desporto. Não falo apenas do andebol; é uma questão que se coloca a muitas modalidades. Há um trabalho de enorme qualidade que, muitas vezes, não tem ainda o peso social e económico que merece.

A Federação definiu há cerca de uma década o programa Rumo 2028. O que mudou com essa estratégia?

Apontámos para uma década, definindo objetivos claros e dando confiança e autonomia às equipas técnicas. Mas houve uma ideia essencial: dar tempo. No desporto, por vezes, exige-se tudo de imediato. Nós entendemos que é preciso competência, esforço, ambição e muito trabalho, mas também tempo para que esse trabalho apareça. Nunca nos interessou um resultado isolado, que surge e desaparece. O que sempre quisemos foi consolidação.

A aposta nas seleções jovens foi determinante. Muitos atletas que chegam à seleção principal já levam mais de uma centena de jogos internacionais, entre competições oficiais, torneios e encontros particulares. Esse percurso dá-lhes experiência, conhecimento tático e capacidade competitiva.

Há uma relação direta entre o investimento na formação e os resultados da seleção principal?

A seleção "A" é a parte mais visível de um percurso que começa muito antes: nos clubes, nas associações regionais, nas escolas e nas seleções jovens. Queremos que os atletas cheguem à seleção principal com experiência internacional e preparados para responder à exigência. A base tem de ser alargada e depois vai-se afunilando em função da quali-

ID: 125097703

23-09-2026

dade. Mas esse afunilamento só funciona se houver uma massa crítica forte, clubes organizados e treinadores capacitados. Os resultados da seleção principal são consequência de uma cadeia de trabalho que exige confiança, autonomia, responsabilização e avaliação.

Como se constrói a base de praticantes?

Constrói-se com trabalho nos clubes, nas associações regionais e nas escolas. O Andebol 4 Kids é um programa muito importante nesse percurso, porque permite levar material, informação e coordenação a escolas, clubes e associações.

Temos também reforçado esse trabalho com programas apoiados pela Federação Europeia. O objetivo é chegar às crianças numa fase em que ainda estão a descobrir o desporto e criar condições para que possam experimentar a modalidade. A Federação, as associações, os clubes e as escolas têm de funcionar como partes do mesmo percurso. É isso que permite aumentar o número de praticantes e, depois, encontrar e acompanhar quem pode chegar às seleções regionais, jovens ou nacionais.

Mas, como chega a Federação aos clubes mais pequenos e aos territórios do interior?

O objetivo é precisamente olhar para todo o universo nacional. Há clubes com capacidade e vontade de crescer em todos os territórios e é junto deles que temos de estar. Temos um programa de certificação de clubes, com três níveis. Em função dos critérios cumpridos, relacionados com o treino, o acompanhamento dos atletas e a qualificação dos treinadores, os clubes podem ter reduções ou até isenção das taxas de inscrição até aos sub-18.

O andebol feminino é uma das áreas prioritárias?

Sem dúvida. Sempre disse que era uma área em que tínhamos margem para crescer, porque a base era menor. E sou um radical na igualdade de oportunidades. Há progressos muito positivos no desporto feminino, em várias modalidades, mas ainda existem diferenças evidentes. Há clubes com estruturas importantes que não têm vertente feminina, ou que deixaram de a ter. Não vale a pena escamotear essa realidade. Temos de caminhar para a igualdade, com realismo, mas sem desistir dessa ambição.



No andebol de praia a formação lusa conquistou o ano passado o 2º lugar nos Jogos Mundiais na China.



A equipa principal joga de igual para igual com as melhores a nível mundial



Os sub-21 festejam o título de vice-campeões do Mundo.



A seleção portuguesa de cadeira de rodas foi bronze no Mundial

“Estamos a tentar fazer no feminino o caminho que tem sido feito no masculino: apostar na formação, nas seleções jovens e na criação de condições para uma evolução sustentada.”

Queremos trabalhar para o apuramento para o Mundial do próximo ano. É muito importante que também tenhamos uma seleção feminina presente nas grandes competições, porque isso dá notoriedade, cria referências e ajuda a despertar o interesse das jovens pela modalidade. Estamos a tentar fazer no feminino o caminho que tem sido feito no masculino: apostar na formação, nas seleções jovens e na criação de condições para uma evolução sustentada.

O andebol de praia e o andebol em cadeira de rodas também fazem parte desse crescimento?

Fazem plenamente parte do projeto. Temos tido conquistas e progressos nessas vertentes, tal como nas seleções jovens. Em 2028, gostaria que se pudesse falar de uma consolidação da presença portuguesa no andebol de praia e no andebol em cadeira de rodas, a par do crescimento das seleções de topo e do desenvolvimento do feminino. O crescimento da modalidade mede-se também pela sua capacidade de acolher diferentes formas de

competir e mais praticantes.

O Europeu de 2028, organizado por Portugal, Espanha e Suíça, será o grande momento da próxima etapa?

Será uma grande oportunidade desportiva, de promoção e de crescimento. Portugal receberá duas fases preliminares e a “main round”. O fim de semana das finais será em Madrid, porque Portugal não tem atualmente um equipamento com condições para acolher essa fase final. É uma candidatura consciente, partilhada com Espanha e Suíça. Também é uma oportunidade para trazer os grandes eventos para o sul da Europa. Os Europeus e os Mundiais têm estado muito concentrados nos países nórdicos, na Alemanha ou em França. O andebol europeu ganha se houver mais países e mais regiões capazes de organizar provas desta dimensão.

Que impacto espera que o Europeu tenha para lá dos jogos?

Os grandes campeonatos aumentam a visibilidade, o interesse mediático e a aproximação das crianças e dos jovens à modalidade. Cria-se um ambiente à volta do evento que pode fazer com que muitos queiram experimentar o andebol.

Queremos mobilizar clubes e adeptos e fazer uma grande festa da modalidade. Vamos convidar antigos internacionais masculinos, femininos, de praia e de cadeira de rodas que tenham ultrapassado um determinado número de internacionalizações. É uma forma de reconhecer quem ajudou a construir o caminho até aqui.

Os primeiros bilhetes deverão ser colocados à venda no último trimestre do ano, com condições especiais numa primeira fase para os adeptos portugueses. Os clubes terão um papel essencial nesta mobilização.

Há milhares de pessoas anónimas que não têm oportunidade de dar entrevistas, mas que fazem muito pelo andebol e pelo desporto português. São as pessoas que abrem e fecham pavilhões, dão treinos, dirigem clubes, fazem inscrições e resolvem problemas. Noventa e nove por cento desta dinâmica temna do voluntariado. Há centenas de pessoas que, todos os dias e todos os fins de semana, tornam possível que crianças e jovens possam jogar andebol. Essa comunidade é extraordinária e merece ser reconhecida.

ID: 125097703

23-09-2026

